

## **A natureza da informação em webjornalismo** *Uma abordagem peirceana*

*Geane Carvalho Alzamora (PUC-Minas/PUC-SP)*

### **Resumo**

A informação em Jornalismo é tradicionalmente discutida como gênero e como modo de mensurar a quantidade de novidades introduzidas no sistema. Este artigo problematiza essas abordagens, sugerindo, com base na lógica de relação das categorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce, que os gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo sejam complementares e não excludentes. Por outro lado, apóia-se na relação signo-objeto proposta por Peirce para sugerir que a informação relaciona o fato ao discurso jornalístico a partir de articulações qualitativas (domínio do ícone), extensivas (domínio do índice) e convencionais (domínio do símbolo), buscando superar o entendimento de informação como quantidade. Discute-se ainda a relação fato/realidade em webjornalismo e o modo como este pode articular recursos de linguagem, de domínios semióticos distintos, para otimizar a eficiência da informação jornalística na rede.

**Palavras-chave:** webjornalismo, semiótica, informação

### **Introdução**

O Jornalismo encontra-se em um estágio de enorme indefinição paradigmática, frente aos desafios impostos pela apropriação social das novas tecnologias, especialmente no campo da Internet. A identidade do jornalista, a noção contemporânea de notícia e o futuro de uma profissão tradicionalmente regulamentada são algumas das questões recorrentemente discutidas. Na contramão dessas discussões, que privilegiam o ponto de vista do jornalista/jornalismo, este artigo pretende discutir a natureza da informação em webjornalismo deslocando a questão para o campo conceitual da Semiótica – cuja natureza plural, híbrida e transdisciplinar nos parece adequada para se pensar a natureza igualmente híbrida, impura e transdisciplinar da informação em webjornalismo.

A recorrente confusão que se estabelece entre cyberjornalista e produtor de conteúdos, a dificuldade de manter, no âmbito do Jornalismo Digital, conquistas trabalhistas da categoria e a profusão de sites independentes e institucionais, assim como contratos que regulamentam parcerias entre grandes empresas jornalísticas e mega-portais, só confirmam a hipótese inicial deste artigo: informação, em webjornalismo, é menos um problema de técnica jornalística que uma discussão conceitual do meio, que privilegie aspectos teóricos plurais, híbridos, transdisciplinares.

Nesse sentido, sugerimos que informação, em webjornalismo, seja entendida não como um gênero jornalístico específico, mas como domínio fenomenológico que singularize uma interpretação possível do fato, de modo a fundamentar juízos de gosto e valor, que se traduzam em opinião. Interpretação e Opinião, em nosso entender, não se distinguem da informação jornalística, mas nela se completam. Questionamos também a noção de informação como *quantidade* de novidade introduzida no sistema. Vamos, a seguir, explicitar gradativamente nosso raciocínio a partir da semiótica peirceana. Segundo Nöth, “*Communiationis is a key concept in semiotics and many of its neighboring disciplines. Yet, the meaning of this term is extremely diffuse*”. (Nöth, 1990, pag. 168).

### **Aspectos semióticos**

Complexo e muito abstrato, o pensamento de Charles Sanders Peirce (1839-1914) alicerça-se sobre três categorias fenomenológicas capazes de englobar tudo o que é, tudo o que pode ser e tudo o que tende a ser. As três categorias são onipresentes nos fenômenos, ou seja, “*tudo o que aparece à mente, seja real ou não*” (Peirce, 1983, pag. 85).

Na primeira categoria (primeiridade), o fenômeno não passa de uma mera possibilidade ainda não atualizada, vaga, múltipla, indiferenciada. Ao se atualizar parcialmente em um existente qualquer, as qualidades características da primeiridade se particularizam, estabelecendo uma relação dicotômica entre dois campos fenomenológicos, estágio denominado secundidade por Peirce. A terceiridade é um outro campo fenomenológico, que estabelece a mediação entre a primeiridade e a secundidade, de modo a tornar inteligível (terceiridade) a atualização (secundidade) do possível (primeiridade). A terceiridade estabelece um propósito para a ação, que se processa na secundidade a partir de fundamentos qualitativos da primeiridade. Desse modo, as categorias são onipresentes no fenômeno, embora seja observável o predomínio de uma ou outra. A primeira categoria prescinde da Segunda, que prescinde da terceira. Esta contém a Segunda, que contém a primeira. Ao mesmo tempo, a terceiridade é o propósito da secundidade e a mediação entre esta e a primeiridade.

As três categoriais encontram ressonância na noção peirceana de signo, segundo a qual “*signo é aquilo que sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém*” (Peirce, 1990, pag. 46). O signo peirceano constrói-se triadicamente, a partir de domínios fenomenológicos, ou seja, é algo que atualiza (secundidade) parcialmente um campo de possíveis (primeiridade), que é, por

sua vez, um signo anterior que determina parcialmente um signo segundo com o propósito (terceiridade) de criar, em uma mente qualquer, um terceiro signo, equivalente ao primeiro e talvez mais desenvolvido, denominado interpretante. A noção de signo em Peirce, portanto, refere-se à noção de mediação e confunde-se com a noção de semiose, ou seja, a ação natural de o signo transformar-se infinitamente em outro. Esse processo, para Peirce, é sinônimo de inteligência e de mente. O que a Semiótica estuda, portanto, é menos o signo que a semiose, tendo em vista que o signo peirceano é processual, de natureza incompleta e progressiva.

O signo estabelece relações consigo mesmo, com seu objeto e com seu interpretante. Para os propósitos deste artigo, vamos trabalhar somente a primeira relação, do signo com seu objeto. Nesta, o signo pode se referir ao objeto em nível de primeiridade (ícone), de modo análogo, metafórico ou sinestésico. Quando o signo é uma extensão física desse objeto, estabelece uma relação de secundidade (índice). Ao representar o objeto, de modo arbitrário, por força de uma convenção social, o signo é um símbolo (terceiridade).

Para os propósitos deste artigo, essas definições são suficientes.

### **A Informação como categoria fenomenológica**

Sugerimos entender o webjornalismo como processo sígnico que busca produzir na mente (semiose) um interpretante, que é um signo similar ao objeto que lhe serve de referência – o **fato** jornalístico. A natureza desse fato será investigada mais à frente neste artigo. Por enquanto, gostaríamos de propor o webjornalismo como articulação de três níveis fenomenológicos engendráveis segundo a lógica das categorias peirceanas. A proposta relativiza a independência dos gêneros, sugerindo uma constante relação entre eles. Os três gêneros, portanto, passam a ser vistos como complementares e não excludentes.

Nessa abordagem, a **interpretação** ocuparia o lugar lógico da **primeiridade** por promover uma tradução subjetiva do fato ao qual se refere, conduzindo uma leitura possível desse objeto (fato) que lhe serve de referência, de modo análogo, sinestésico ou metafórico. A **informação** ocuparia o lugar lógico da secundidade por contextualizar o fato através de “provas”, referindo-se indicialmente a este. Já a **opinião** ocuparia o lugar lógico da terceira, por promover uma representação simbólica do objeto (fato), com o propósito de formar juízos de

gosto e valor acerca desse fato, tornando tal representação um juízo que quer se tornar uma convenção social.

Temos, então, que a informação particulariza uma possível interpretação do fato e que esta tem o propósito de se traduzir em uma convenção social, através de um argumento opinativo. Uma vez que a terceiridade engloba a secundidade e esta a primeiridade, podemos concluir que a opinião contém a informação e esta, por sua vez, singulariza um modo possível de interpretar o objeto. E como a terceiridade simultaneamente faz a mediação entre a primeiridade e a secundidade, juízos de gosto e valor (opinião) se interpõem entre o modo como o fato é interpretado e a seleção de informações que o contextualizará para o leitor. Assim, a opinião surge de um progressivo edifício argumentativo.

### **Webjornalismo e semiótica**

Para entender o tipo de comunicação que se processa na Internet, pode-se recorrer à idéia de que a Internet é um sistema de linguagem, ou seja, como um conjunto de elementos que partilham propriedades comuns. O que regula a combinação desses elementos, ou a formação da mensagem, é o código, embora os termos não devam ser rigorosamente considerados sinônimos. *“The term code has adopted in linguistics as a synonym of system. There are homologies and differences between language and artificial codes which are both sign repertoires and systems of semiotic transformation”*. (Nöth, 1990, pag. 238).

No decorrer do século 20, alguns modelos comunicativos tornaram-se paradigmáticos, a partir dessa concepção de linguagem. É o caso da Teoria da Informação (por Shannon) e as funções da linguagem (por Jakobson), amplamente adotados no âmbito da Comunicação de Massa. Esses dois modelos, porém, tornam-se limitados quando operados na Internet, especialmente no âmbito do webjornalismo.

Sintetizando a questão em seus caracteres mais gerais, poderíamos dizer que a Teoria da Informação peca por não levar em consideração aspectos relacionados ao significado da mensagem e aos modos prováveis de produção de sentido desta, atendo-se predominantemente ao domínio quantitativo da informação. *“Este realce do valor quantitativo de uma mensagem é inteiramente contestável; sempre se imporá, para o analista da informação social (...) o problema do significado da mensagem”*. (Coelho Netto, 1973, pag. 20).

No que se refere ao webjornalismo, o problema do valor do significado na mensagem cresce exponencialmente, uma vez que o público deixa de ser um conjunto heterogêneo, disperso geograficamente e tão mais amplo quanto possível, para se tornar segmentado e, muitas vezes, individualizado no processo comunicativo. Assim, interessa menos saber a *quantidade* de informação (ou novidade) processada na comunicação que a *qualidade* desta para o público-alvo.

*“Assumimos a hipótese de que, antes de incolor homologação, a fase atual desenvolve uma forte tensão, descentralizada e conflitual entre globalização e localização: ou seja, entre processos de unificação cultural – um conjunto serial de fluxos univversalizantes – e pressões antropofágicas “periféricas” que descontextualizam, remastigam, regeneram”. (Canevacci, 1996, pag. 23)*

Já o famoso esquema de Jakobson (1973), que pressupõe relações de linguagem delineadas a partir das variáveis emissor, receptor, mensagem, código, contexto e canal, pressupõe um tipo de emissor privilegiado, que transmite informações “estáticas” para um conjunto de receptores passivos no que se refere à composição da mensagem. Isso também não parece muito adequado às características da comunicação contemporânea, especialmente aquela que se processa na rede. *“O ato de comunicar não se traduz por uma transferência de informação do emissor a um destinatário, mas antes pela modelagem mútua de um mundo comum no meio de uma ação conjugada”.* (Varela, citado por Quere, 1991, pag. 02).

Outro problema desse modelo, em nossa opinião, é também considerar a *quantidade* como medida de valor da informação na mensagem, sendo esta definida como *“grupo finito e ordenado de elementos de percepção tirados de um “repertório” e reunidos numa estrutura”.* (Moles, 1987, pag. 24).

Tal concepção, a nosso ver, revela-se inadequada à natureza processual e *em aberto* da Internet. A exemplo da comunicação interpessoal, a Internet permite a construção de mensagens em tempo sincrônico, constantemente adaptadas e redirecionadas segundo os repertórios de emissor e receptor, sendo que estes, a cada momento, pela interatividade, podem cambiar seus papéis. Desse modo, a mensagem passa a se caracterizar pelo processo e não pelo produto e a informação, nessa perspectiva, torna-se uma grandeza menos quantitativa que qualitativa. Essa nova situação comunicativa privilegia o surgimento de mensagens coletivas, de complexa assinatura, em permanente processo de construção – características pouco adaptáveis aos modelos de Shannon e Jakobson.

Além das características flutuantes dos elementos que compõem a mensagem na Internet, é preciso lembrar ainda que o canal, por natureza híbrido e impuro, também dificulta o

estabelecimento de um tipo específico de código que regule a linguagem nesse meio. Assim, elementos sonoros, visuais, verbais e algumas metáforas tácteis e olfativas que já emergem de certas experiências no meio, se cruzam para promover um discurso híbrido, fugidio, que ainda não se organizou adequadamente em código.

Propomos, então, entender a natureza híbrida e processual da Internet como pressuposto para investigar modos possíveis de se estabelecer modelos de comunicação na rede, em vez de procurar atrofiar tais discursos a modelos precocemente definidos, que contraria, inclusive, a natureza *em aberto* da Internet.

Na perspectiva de superar os problemas levantados nos dois modelos comunicacionais amplamente utilizados até recentemente, propomos discutir um modelo comunicativo pautado pelas características da rede, ou seja, um modelo *em aberto* e essencialmente híbrido. Tal modelo encontra ressonância na própria noção de signo em Peirce – um tipo de signo *em aberto*, processual, que privilegia o trânsito intersemiótico característico da semiose.

Nessa abordagem, a informação poderia ser entendida como uma grandeza qualitativa que atravessa o fluxo semiótico do processo comunicativo, interligando, sob domínio da primeiridade (portanto, privilegiando a multiplicidade de qualidades) o signo ao seu objeto. Em nível de secundidade, a informação se expressaria nos modos como o signo apontaria, indicialmente, para o objeto que lhe serve de referência. Em nível de terceiridade, a informação poderia ser entendida como parâmetro de complexidade da relação signo/objeto, na medida em que conduz, apoiada nos dois níveis fenomenológicos acima descritos, os propósitos e as tendências do processo semiótico de comunicação, direcionando a seleção de índices e qualidades impregnados no signo para as intenções comunicativas do recorte jornalístico.

O processo comunicativo, em webjornalismo, envolve ainda outros problemas semióticos, relacionados à dimensão híbrida dos signos que se processam na rede. Para lançar alguma luz sobre o tema, sugerimos entender o webjornalismo como articulação de linguagens, tendo por referência conceitual a discussão de Santaella (1989) sobre as três matrizes de linguagem, fundamentada nas categorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce.

Desse modo, propomos entender o webjornalismo como processo informativo que articula elementos provenientes de três tipos de linguagens jornalísticas de *domínios semióticos* distintos. Tendo em mente que todos os meios de comunicação, em alguma medida, são híbridos e que o

meio mais híbrido que o homem criou até hoje é a Internet, propomos pensar os discursos jornalísticos a partir de *domínios semióticos*.

Sendo assim, o **Jornalismo sonoro** teria predominância **icônica** por privilegiar, potencialmente, uma apreensão sinestésica do fato. O **Jornalismo visual** apresentaria domínio **indicial**, na medida em que se refere ao fato por força de uma extensão física – a própria imagem deste no signo. E o **Jornalismo verbal** apresentaria domínio **simbólico** por privilegiar um tipo de discurso que representa o fato – seu objeto – por força de uma convenção social: o próprio verbo.

Segundo Peirce (citado por Jakobson, 1973, pag. 104), “*os mais perfeitos dos signos são aqueles nos quais o caráter icônico, indicial e simbólico estejam amalgamados em proporções tão iguais quanto possíveis*”. Propomos, então, o webjornalismo como arena na qual os três tipos de discurso acima expostos se engendrem de modo tão amalgamado quanto possível. Assim, estaremos não apenas propiciando uma modalidade jornalística realmente híbrida, como também potencializando os domínios semióticos da linguagem jornalística produzida em outros meios. Isso porque os meios de comunicação encontram-se interligados em uma espécie de rede intermídia (ver Santaella, 1992), de modo que a linguagem de um tende a interferir nas linguagens dos demais.

Esse hibridismo de linguagens que apresenta domínios semióticos distintos, tende a se traduzir, no webjornalismo, em otimização do processo informativo. Isso porque torna-se possível lançar mão de recursos de linguagens distintos para privilegiar níveis fenomenológicos da informação considerados prioritários em cada situação comunicativa.

### **A informação, o fato e a realidade virtual**

Discutir a natureza da informação em webjornalismo demanda que se explicita como a informação se conecta ao fato, a natureza semiótica deste e como se constitui a realidade na qual se representa, informativamente, tal fato. Propomos, então, “destrinchar” semioticamente os termos e as relações.

Antes de mais nada, é preciso considerar que o webjornalismo se processa no domínio da ciberespaço – termo cunhado pelo escritor William Gibson em sua ficção científica *Neuromante*. Contemporaneamente, o termo é usado para designar, genericamente, um espaço conceitual onde

se processam interações humanas, dados, enfim, toda uma gama de relações de linguagem organizadas segundo os propósitos de diversas comunidades virtuais que se formam na rede.

*As comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. (Rheingold, 1994, pag.18)*

Essas teias de relações pessoais que fundamentam as comunidades virtuais, caracterizam a realidade *virtual*, na qual se processa o webjornalismo. “*A realidade virtual é uma questão prolixa, mas não é apenas uma palavra de ordem da ideologia comunicacional (...). Ele [o virtual] não remete a um para além do real, mas a uma vontade (ou não) de constituição do real enquanto novo*”. (Parente, 1999, pag. 14)

Mais uma vez, invocamos a semiótica peirceana para observar a questão. Em certa ocasião, discutindo se Deus é real ou não, Peirce optou por substituir o conceito de realidade por experiência.

*“I will also take the liberty of substituting “reality” for “existence”. This is perhaps overscrupulosity; but I myself always use exist in its strictest philosophical sense of react with other like things in the environment. Of course, in that sense, it would be fetishism to say that God exists”.* (Peirce, citado por Potter, 1996, pag. 172)

Nesse artigo, Potter esclarece que experiência “*is a conscious effect produced upon a subject by brute interaction with the environment such that it contributes to the formation of habits...*” (Potter, 1996, pag. 172). As definições parecem corroborar a noção de que a experiência – ou realidade – processa-se no domínio da secundidade (menção às interações brutas, provenientes do domínio da ação/reação característico dessa categoria fenomenológica) com o propósito de formar hábitos que regulem (terceiridade) a natureza das experiências.

Nessa perspectiva, arriscaríamos dizer que a realidade virtual refere-se à construção de experiências processadas na rede, mediante a apropriação social das tecnologias. Esse tipo de experiência – ou realidade – tende a se traduzir em hábitos de experienciar o ciberespaço e suas respectivas comunidades virtuais. Desse modo, a realidade virtual seria o termo correlato de experiências que se processam na rede.

É preciso lembrar que as experiências que se processam *na* rede guardam referências sígnicas em experiências que se processam *fora* da rede. Desse modo, a dimensão híbrida do meio estende-se para além dos domínios deste, uma vez que o meio – o ciberespaço – é o lugar no qual se processam experiências de referências múltiplas, portanto, de natureza híbrida.

O webjornalismo, nessa perspectiva, seria o modo como se torna possível apreender tais experiências a partir de determinados interesses comunicativos. Assim, ao mesmo tempo que se volta para as experiências que se processam no ciberespaço, o webjornalismo simultaneamente toma por referências experiências que se processam fora da rede.

Tais experiências, ao se tornarem objeto de interesse jornalístico, tornam-se  *fatos*. Estes são espécies de representações de ocorrências, ou seja, o fato seria algo como as ocorrências, substrato da experiência, traduzidas em linguagem.

*“A world is denoted by a system of facts, but facts are not independent of the selective knowledge process, for facts are abstracted portions of a continuum of events”.* (Rosenthal, 1994, pag. 8).

Não por acaso, dizemos  *fatos jornalísticos*, expressão que determina significações específicas às ocorrências. Os fatos relacionam-se de modo indicial às ocorrências e se misturam a estas pela experiência. Se pensarmos o webjornalismo como um processo sógnico, teremos o fato como a própria representação indicial da ocorrência, uma espécie de semiose que atravessa a ocorrência, manifesta-se no discurso jornalístico e traduz-se em uma nova representação na mente de quem processa essa experiência sógnica.

O fato, assim, seria signo e semiose simultaneamente, tendo em vista que este se confunde com aquele. Quando toma o fato como referência, o discurso jornalístico na rede o reconstrói segundo as características de linguagem do meio e das intenções editoriais do veículo.

Mas, se considerarmos que o fato no ciberespaço mescla ocorrências que se processam simultaneamente na rede e fora dela, teremos que o fato, em webjornalismo, decorre diretamente da experiência de quem “recorta” o fato do continuum infinito de ocorrências. A experiência, que incorpora a ocorrência ao fato e este à semiose jornalística, se expressa através de manifestações diferenciadas de níveis informativos. É possível que a informação processe-se sob diferentes predomínios fenomenológicos: icônico (referência análoga, metafórica ou sinestésica), indicial (conexão física) ou simbólico (juízos de gosto e valor).

É provável que em webjornalismo os três níveis informativos tendam a se amalgamar de modo tão equilibrado quanto possível, na medida em que o meio permite lançar mão de recursos de linguagem simultâneos que reforcem esses domínios fenomenológicos. Por exemplo, recursos visuais para enfatizar domínios indiciais do discurso jornalístico, recursos sonoros para enfatizar domínios icônicos e recursos verbais para enfatizar domínios simbólicos. Cada um desses

discursos, são também formas relativamente híbridas, de modo que no interior de cada recurso de linguagem também se torna possível privilegiar determinados níveis fenomenológicos da informação.

Nessa perspectiva, a dimensão verbal poderia ser reduzida, sem que isso signifique prejuízo semiótico para a mensagem jornalística – o que se observa atualmente na maior parte dos veículos de webjornalismo é justamente o predomínio do verbal, opção aparentemente inadequada às características híbridas do meio.

Do ponto de vista de gênero, o webjornalismo poderia relacionar, de modo equilibrado e intencional, interpretação, informação e opinião, fazendo uso simultâneo de elementos de discursos sonoro, visual e verbal. Assumiríamos, assim, a hipótese de que o discurso jornalístico na rede implica em uma interpretação possível de um fato, que determina informações contextuais, de natureza icônica, indicial e simbólica deste, com o propósito de se traduzir em uma dimensão opinativa. Não haveria, nessa perspectiva jornalística, discurso informativo isento de interpretação e de propósitos opinativos.

## **Conclusão**

O webjornalismo encontra-se em estágio de grande indefinição paradigmática, não apenas devido ao momento inicial de construção da linguagem, no qual tradicionalmente busca-se referências conceituais anteriores, como também devido à precariedade dos modelos comunicativos predominantes até o momento, em relação às características da rede.

Um modo possível de superar essas limitações, segundo hipótese levantada por este artigo, seria rever o conceito de informação, tanto no que se refere ao gênero jornalístico, quanto no que se refere ao entendimento de que informação é um valor relacionado à quantidade de novidades introduzidas no sistema. Nessa perspectiva, lançamos mão de alguns conceitos da semiótica peirceana para propor a onipresença dos gêneros jornalísticos - Informativo, Interpretativo e Opinativo - segundo a lógica de relação das categorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce.

Também apoiados na semiótica peirceana, sugerimos entender a informação como grandeza que atravessa o fluxo semiótico em três níveis fenomenológicos, abandonando, assim, a

noção de informação como quantidade: simultaneamente, a informação apresentaria níveis qualitativo (icônico), contextual (indicial) e convencional (simbólico), podendo ainda priorizar um ou outro domínio segundo o modo como se pretende representar o fato em discurso jornalístico.

Pensando o webjornalismo como articulação de linguagens processadas em domínios semióticos distintos, sugerimos que recursos de linguagem sonoros privilegiem a dimensão icônica, visuais relacionem-se predominantemente ao índice e verbais ao símbolo. Assim, a informação em webjornalismo poderia ainda lançar mão de recursos de linguagem específicos para potencializar determinados níveis fenomenológicos da informação considerados prioritários em cada situação comunicativa.

### Referências Bibliográficas

- CANEVACCI, Massimo. *Sincretismo – Uma Exploração das Híbridões Culturais*. Trad.: Roberto Barni. Studio Nobel, São Paulo, 1996.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Introdução à Teoria da Informação Estética*. Vozes, Petrópolis, 1973.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Cultrix, São Paulo, 1973.
- MOLES, Abraham. *Teoria da Informação e Percepção Estética*. Trad.: Helena Parente Cunha, Universidade de Brasília, Brasília, 1978.
- NÖTH, Winfred. *Handbook of Semiotics*. Indiana University Press, Bloomington Indianapolis, 1990.
- PARENTE, André. *O Virtual e o Hipertextual*. Pazulin, Rio de Janeiro, 1999.
- PEIRCE, Charles Sanders. “*Collected Papers of Charles Sanders Peirce*” in *Os Pensadores*. Trad: Luís Henrique dos Santos, Abril Cultural, São Paulo, 1983.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Trad: J. Teixeira Coelho Netto, Perspectiva, São Paulo, 1990.
- POTTER, Vicent. *Peirce’s Philosophical Perspectives. Edited by Colapietro*, 1996.
- RHEINGOLD, Howard. *A Comunidade Virtual*. Trad.: Helder Aranha, Gradiva, Lisboa, 1994.
- ROSENTHAL, Sandra. *Charles Sanders Peirce – Pragmatic Pluralism*. State University of New York, New York, 1994.
- SANTAELLA, Lúcia. *Por Uma Classificação da Linguagem Visual*. Revista Face, Educ, São Paulo, vol.2, nº 1, jan/jul de 1989.
- QUERE, Louis. *D’un Modele Epsitemologique de la Communication a um Modele Praxeologique*. Trad: Vera Lúcia Westin e Lúcia Lamounier. Paris, Réseaux, Nº 46-47 CNTE – 1991.

### Geane Carvalho Alzamora

Professora de Semiótica no Departamento de Comunicação Social da PUC-Minas (habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas) e coordenadora do Laboratório de Projetos Experimentais do mesmo departamento. Doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, com a pesquisa “Webjornalismo cultural – perspectivas de linguagem construídas a partir da semiótica peirceana”, sob orientação da Prof.: Lúcia Santaella;

Mestre em Comunicação e Semiótica, em 1996, com a pesquisa “Crítica de Artes Plásticas na Imprensa Escrita – uma abordagem peirceana da questão”, sob orientação da prof.: Lúcia Santaella (dissertação considerada a melhor do país, em Jornalismo, em 1996, segundo o Prêmio Intercom). Repórter e crítica de cinema nos jornais “O Tempo” (até 1997), “O Estado de Minas” (até 1995) e “Hoje em Dia” (até 1994); repórter no jornal “Folha de S.Paulo” (1993); e coordenadora do Departamento de Comunicação Social da Prefeitura de Divinópolis (1993).